

UM ESTUDO A RESPEITO DAS *HIPÉRBOLES* E *EPÁUXESES* *PAULINAS*

Luciene de Lima Oliveira¹ (UERJ)

RESUMO: Chama a atenção no *lógos* do apóstolo Paulo, expressões que possuem uma nuance de amplitude, de alargamento, sendo vistos como exemplos de *hipérboles* para intensificar um pensamento. Ora, o religioso é considerado como um dos escritores que mais empregaram as *figuras de linguagem*, sendo que a *hipérbole* e a *epáuxese* são as que mais caracterizam o seu estilo. É evidente a habilidade do apóstolo em selecionar as palavras mais apropriadas, a fim de ornamentar e tornar mais adequado o seu discurso diante dos mais variados ouvintes. O presente artigo tem como *corpus* alguns excertos de os Atos dos Apóstolos, que foram selecionados, para extrair as *hipérboles* e as *epáuxeses* que se fazem presentes no *lógos paulino*. É bom lembrar que uma parte do livro de Atos retrata as viagens, as ações e as pregações do Apóstolo Paulo ao difundir a mensagem cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Apóstolo Paulo, Mensagem Cristã, Figuras de Linguagem, Atos dos Apóstolos.

A STUDY ABOUT PAUL'S HYPERBOLES AND AUXESIS

ABSTRACT: Expressions that portray a nuance of amplification or increase call our attention in the *logos* of Paul the Apostle and can be seen as examples of hyperboles used to intensify ideas. This religious man is considered to be one of the writers who uses the biggest amount of figures of speech. The ones that characterize his style of writing are hyperboles and auxesis. It is evident that the ability of the apostle to select the most appropriate words in order to embellish his speech and make it adequate to various listeners. The article presented here portrays as its corpus some excerpts from the Acts of Apostles that were selected to extract the hyperboles and auxesis present in Paul's *logos*. It is important to remember that a part of the Book of Acts depicts the journeys, the actions and the preaching of the apostle Paul to spread the Christian message.

¹ E-mail: luciene.oliveira@uerj.br

KEYWORDS: Paul the Apostle, Christian Message, Figures of Speech, Acts of the Apostles.

Evidenciam-se, na pregação do apóstolo Paulo, determinadas estratégias de elaboração, ou seja, variados recursos retóricos, com o objetivo de persuadir os ouvintes, levando-os a compreender e aceitar a mensagem evangélica. O zelo de Paulo em proclamar a mensagem cristã foi tão intenso quanto na época em que era um ferrenho perseguidor dos cristãos.

Archibald Robertson pontua que, com exceção de Jesus, Paulo foi o principal propagador mais hábil da fé cristã (ROBERTSON, 1982, p. 17). Opinião essa compartilhada por Ruden, que atesta que, após uma década do nascimento de Cristo, nascia aquele que, talvez, seria considerado “o maior expoente do cristianismo” (RUDEN, 2013, p. 9).

É possível destacar, nas palavras do religioso, importantes características recorrentes, cujo estudo pode vir a contribuir para uma melhor compreensão da maneira como Paulo desenvolve a argumentação.

Ressalte-se a habilidade do apóstolo em selecionar as palavras mais apropriadas, a fim de ornamentar e tornar mais adequado o seu discurso diante dos mais variados ouvintes. Essas opções lexicais são decisivas, para que as transições de um tópico a outro sejam concatenadas de modo harmonioso e eficiente.

Em relação à etimologia do discurso, provém do particípio passado do verbo latino *discurrere* (*atravessar, percorrer*).

Eni Orlandi pontua que o discurso: “(...) tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2002, p. 15).

Já o pesquisador Heinrich Lausberg conceitua o discurso em geral como uma espécie de articulação de instrumentos linguísticos que decorre no tempo. Essa articulação é utilizada pelo sujeito falante com a intenção de alterar uma “situação”, *stavsī*, seja do ponto de vista material, pessoal ou social (LAUSBERG, 1967, p. 79).

Digno de nota é o emprego das *figuras de linguagem*, denominadas de “figuras de estilo” ou de “retórica”, atestadas no *lógos paulino*. Não que Paulo tivesse se utilizado de todas as *figuras* de modo consciente, mas, basicamente, por intuição, sempre buscando meios de chamar a atenção de seus ouvintes.

É bom pontuar que a ornamentação dos vocábulos e a utilização das *figuras* são elementos que pertencem à terceira fase - a *elocutio* - pela qual passa aquele que compõe um discurso ou pela qual se acredita que passe (REBOUL, 2004, p. 43).

J. Dubois e outros pesquisadores fazem um estudo a respeito das figuras ou metáboles. Os linguistas destacam que as *metáboles*, “desvios” se processam em dois planos: o “plano da expressão” (*metaplasmos e metataxes*) e o “plano do conteúdo” (*metassememas e metalogismos*).

As figuras retóricas são o resultado de aplicação de quatro operações fundamentais, por exemplo:

- a) as figuras de dicção ou fônicas (*os Metaplasmos – operação sobre a morfologia*);
- b) as figuras de construção ou de sintaxe (*as Metataxes – operação sobre a sintaxe*: (elipse, zeugma, pleonismo, anacoluto, anáfora, silepse ...);
- c) as figuras de palavras ou tropos (*os Metassememas – operação sobre a semântica*: (metáfora, metonímia, antonomásia, sinestesia, comparação ...);
- d) as figuras de pensamento ou sentimento (*os Metalogismos, operação sobre a lógica*: (antítese, eufemismo, paradoxo, hipérbole, anticlímax, clímax ...) (DUBOIS *et alli*, 1973, pp. 50-144).

A observação de Perelman e Olbrechts-Tyteca é muito interessante:

Desde a Antiguidade, provavelmente, desde que o homem meditou sobre a linguagem, reconheceu-se a existência de certos modos de expressão que não se enquadram no comum, cujo estudo foi, em geral, incluído nos tratados de retórica; daí seu nome de figuras de retórica. Em consequência da tendência da retórica a limitar-se aos problemas de estilo e de expressão, as figuras foram cada vez mais consideradas simples ornamentos, que contribuem para deixar o estilo artificial e floreado (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 189).

Paulo é considerado como um dos escritores que mais empregaram as *figuras de linguagem*, sendo que a *hipérbole* e a *epáuxese* são as que mais caracterizam o seu estilo.

A epáuxese, cujo vocábulo grego é *epauxésis*, é um substantivo feminino, tendo por significado literal “aumento, crescimento”, uma vez que é o acréscimo morfológico que se tem por meio de prefixos ao radical de alguns vocábulos. Alterando, dessa forma, o seu aspecto morfológico e semântico.

Já a hipérbole, do grego *hyperbolé*, é um substantivo feminino, cujo significado literal é “excesso, superabundância, ação de passar da medida, grandeza excessiva”.

Ora, a hipérbole é a *figura de linguagem* que expressa uma ideia, um pensamento exagerado. Por vezes, não se pode tomá-las em sentido literal; essas hipérbolos são consideradas como indícios da veemência do pensamento hebreu.

A propósito, Mckenzie ressalta que, nas línguas orientais, a hipérbole é muito comum (MCKENZIE, 1983, p. 137).

Convém lembrar que, quando os espias hebreus foram ver a terra de Canaã, utilizaram a seguinte expressão para descrever o local: “as cidades são grandes e fortificadas até o céu” (Dt 1. 28). Na verdade, esse pensamento constitui um exagero por parte dos espias.

Não se deve negar que a própria Bíblia é, essencialmente, retórica, com metáforas, alegorias, jogos de palavras, antíteses, argumentações etc.

É bom sublinhar que os relatos bíblicos possuem referências aos homens aquinhoados com a eloquência, tais como Arão, Davi e os da tribo de Naftali:

[10] E Moisés disse ao Eterno: Rogo, Senhor! Eu não sou homem eloquente nem de ontem, nem de anteontem, nem desde que falaste a teu servo, pois tenho fala lenta e língua trêmula. [11] E o Eterno disse para ele: Quem coloca a boca no homem? Ou quem o faz ser mudo ou surdo, ou enxergar ou ser cego? Acaso não sou Eu, o Eterno? [12] E agora, vai-te, e Eu estarei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar. [13] E disse: Rogo, Senhor! Envia por meio de quem hás de enviar! [14] E a ira do Eterno acendeu-se com Moisés, e disse: Certo! Aarão [Aharon], teu irmão, o levita, eu sei que ele falará. E também, eis que ele está saindo ao teu encontro, e te verá e se alegrará em seu coração. (Ex 4. 10-14)

Paulo, na sinagoga em Antioquia da Pisídia, almejava que o seu público reconhecesse que Jesus Nazareno era o Messias prometido e aguardado pelos judeus. O apóstolo também expôs o plano salvífico de Deus, que incluía todos os seres humanos e não somente os judeus. Então, além de Messias, de acordo com Paulo, Jesus seria o Salvador dos homens, que havia ressuscitado. A propósito, a ressurreição dos mortos é o ponto central da nova mensagem (1 Co 15. 14).

Importante destacar que as sinagogas constituíram um importante espaço de pregações para a difusão da nova crença por parte dos apóstolos. Aliás, Paulo, em suas viagens missionárias, pregava a mensagem cristã nas sinagogas da Ásia e da Europa (At 9. 20; 14.1; 17. 1-4, 10-12; 18. 14; 19. 8-9).

Certos verbos, expressões adverbiais e nominais possuem, em seus significados, uma nuance de amplitude, de alargamento, de engrandecimento, podendo ser vistos como exemplos de hipérboles verbais, adverbiais e nominais para intensificar o sentido de um pensamento; citem-se, por exemplo:

1) hipérboles verbais - *eplérosan*, “cumpriram” (At 13. 27), *etésanto*, “pediram insistentemente” (At 13. 28), *etélesan pánta*, “completaram todas as coisas” (At 13. 29), *ekpepléroken*, “cumpriu completamente” (At 13. 33);

2) hipérboles adverbiais – *epì heméras pleíous* “por muitos dias” (At 13. 31) (a forma *pleíous* é, na verdade, um comparativo de *polý* indicando excesso “apò pánton”, “de todas as coisas” (At 13. 38);

3) hipérbole nominal – *pantì tô laô*, “a todo o povo” (At 13. 24), *pàs ho pisteúon*, “todo aquele que crê” (At 13. 39), indicando, em ambas as hipérboles nominais, uma ideia de universalidade.

O pesquisador Aguiar denomina de “hipérbole nominal” aquelas que exercem as seguintes funções em uma oração: sujeito, adjunto adnominal, complemento verbal ou predicativo do sujeito (AGUIAR, 2012, p. 97).

Importante é o sintagma *etélesan pánta*, “completaram todas as coisas” (At 13. 29), pois há um verbo enfático seguido de um adjetivo com ideia de universalidade.

É bom citar o pesquisador Aguiar:

No Novo Testamento, Paulo é um dos autores que utiliza as figuras de linguagem com mais frequência. Em suas cartas, embora possam ser catalogadas outras figuras de linguagem, parece evidente que a hipérbole é a que mais caracteriza seu estilo (AGUIAR, 2012, p. 24). Ele prefere os verbos compostos aos simples, e utiliza os advérbios de intensidade com frequência superior à frequência com que os demais autores do Novo Testamento os utilizam. Acrescente-se, ainda, o fato de que, em se tratando dos advérbios de intensidade, ele prefere o grau superlativo (e.g., *muítíssimo*) ao grau positivo (e.g., *muíto*).

(ibidem, pp. 31-32)

Citem-se alguns verbos e as formas nominais compostos empregados no decorrer do discurso: *exelésato*, “escolheu para si” (At 13. 17); *exégagen*, “conduziu para fora” (At 13. 17); *katekleronómesen*, “deu em herança” (At 13. 18), *prokerýxantos*, “após ter proclamado primeiro” (At 13. 24), *exapestále*, “foi enviada” (At 13. 26), *katoikoûntes*, “aqueles que habitam” (At 13. 27), *agnoésantes*, “ao desconhecerem” (At 13. 27), *anaginoskoménas*, “que são lidas em público” (At 13. 27), *anairethênai*, “para

que fosse condenado à morte” (At 13. 28), *kathelóntes*, “tirando do” (At 13. 27), *toîs synanabâsin*, “por aqueles que lhe acompanharam na subida” (At 13. 31), *euangelizómetha*, “anunciamos o Evangelho” (At 13. 32), *anastésas*, “ressuscitando” (At 13. 33), *ekpepléroken*, “cumpriu completamente” (At 13. 33), *anéstesen*, “ressuscitou” (At 13. 34), *hypostréphein*, “por retornar” (At 13. 34), *hyperepsésas*, “após ter servido” (At 13. 36), *prosetéthe*, “foi posto junto de” (At 13. 36), *katangélletai*, “é proclamado” (At 13. 38).

A formação morfológica da maioria desses verbos supracitados se dá por prefixos-preposicionados (*ex-*, *katá-*, *pró-*, *a-*, *ana-*, *sýn-*, *eu-*, *ek-*, *hypó-*, *hypér-*), então, atesta-se a epáuxese, uma vez que, ao radical verbal, houve o acréscimo de prefixos.

Em Listra, Paulo e Barnabé reprovaram qualquer tentativa, por parte do povo, de os adorarem como divindades, e protestaram contra uma prática comum, inerente às sociedades politeístas: o oferecimento de sacrifícios aos deuses, prática essa, aliás, aqui considerada *mataíon*, “coisas inúteis” (At 14. 15). Está claro que os apóstolos aparecem como aqueles que rejeitam tais tentativas de deificação.

Desse modo, ao defender a fé cristã, Paulo fez a apologia do monoteísmo. Sublinhe-se que essa apologia distinguia os “seguidores do Caminho” dos demais povos politeístas, e fazia com que se aproximassem dos judeus. Percebe-se, no *lógos paulino*, uma oposição clara entre as crenças cristãs e as crenças vigentes dos cultos tradicionais.

O politeísmo poderia ser objeto de tolerância; entretantes, cabia aos homens acolher a pregação cristã, quando chegasse até eles, a fim de haver a *epistrophé*, a “conversão”, para um estilo de vida religiosa que seria considerada correta. Na concepção judaico-cristã, tratava-se de chamar a atenção para o “erro da idolatria”, alicerçado na representação imagética das divindades (Dt 5. 7-10; Lv 17. 7-9; Am 2. 4; Jr 10. 1-16; Ez 8. 10).

[7] Não terás outros deuses diante de Mim. [8] Não farás para ti imagem de escultura, figura alguma do que há em cima, nos céus, e embaixo, na terra, e nas águas, debaixo da terra. [9] Não te prostrarás diante deles, nem os servirás, pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus Zeloso, que cobro a iniquidade dos pais nos filhos, sobre terceiras e sobre quartas gerações, aos que Me aborrecem, [10] e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus preceitos.

(Dt 5. 7-10)

O apóstolo almejava persuadir o seu público da existência de uma única Divindade, denominada por ele de o *theòn zônta*, o “Deus Vivo”. Os seus ouvintes deveriam prestar culto a somente um Deus, uma vez que Paulo ansiava por desconstruir a crença de seus ouvintes na existência de vários deuses.

Convém destacar alguns verbos e as formas nominais compostos empregados no decorrer do discurso, atestando a *figura* epáuxese: *euangelizómenoi*, “anunciamos o Evangelho” (At 14. 15); *epistréphein*, “para converterdes”(At 14. 15); *en taís parokheménais geneaís*, “nas gerações antigas” (At 14. 16); *aphêken*, “consentiu”(At 14. 17); *empiplôn*, “fartando” (At 14. 17); *katépausan*, “fizeram desistir” (At 14. 18).

Citem-se, agora, as hipérboles verbais, adverbiais e nominais, intensificando a argumentação paulina:

- 1) hipérboles verbais - *empiplôn*, “fartando” (At 14. 17);
- 2) hipérbole nominal - *pánta tà en autoís*, “todas as coisas existentes neles” (At 14. 15), *pánta tà éthne*, “a todos os povos” (At 14. 16), indicando, em ambas as hipérboles nominais, uma ideia de universalidade; *toùs ókhλους* “as multidões” (At 14. 18).

O sintagma *empiplôn trophês kai euphrosýnes tàs kardías hymôn*, “fartando de alimento e de alegria os vossos corações” (At 14. 17), é importante, pois há uma hipérbole verbal seguida de seus complementos, explicitando-lhe mais o seu sentido.

Ao pregar o evangelho no Areópago de Atenas, Paulo empregou em sua mensagem: a) os objetos de culto ateniense (At 17. 23); b) a apresentação do *Agnósto theô*, “Deus Desconhecido” (At 17. 23-27); c) pequenos versos de poetas gregos (At 17. 28); d) a imagem distorcida que o homem tinha da Deidade e a expectativa em relação à sua criação (At 17. 29-30); e) menção indireta de Jesus e à sua ressurreição (At 17. 31).

Pode-se fazer uma comparação entre o discurso em Listra e o discurso no Areópago de Atenas, uma vez que Paulo também fez a apologia do monoteísmo, diante dos atenienses, quando apresentou o *Agnósto theô*, o “Deus Desconhecido”.

O apóstolo, em seu discurso no Areópago de Atenas, utilizou o altar do *Agnósto theô*, o “Deus Desconhecido”, altar este que constituía um objeto de culto dos atenienses, para persuadir o seu público da existência de um Deus que os atenienses adoravam, mesmo sem ter um conhecimento preciso de quem era. Foi, justamente, a devoção dos atenienses que inspirou Paulo em seu discurso no Areópago.

A propósito, a *adaptabilidade* ou *propriedade do discurso*, era algo corriqueiro no mundo greco-romano; o orador tinha por objetivo saber falar no momento adequado, a

fim de ser persuasivo. Transmitindo uma imagem de homem, portador de *phrónesis*, “sensatez”, “prudência”.

Não se deve deixar de mencionar que o cristianismo primitivo foi uma religião baseada na pregação. A nova mensagem foi anunciada a gregos, a judeus e a outros povos helenizados.

Dignas de destaque, mais uma vez, são as muitas hipérboles empregadas no decorrer do discurso para engrandecer as ações do Deus Desconhecido, por meio do adjetivo triforme *pâs, pâsa, pân*, “tudo, toda”: *pánta tà*, “todas as coisas (existentes)” (At 17. 24); *pâsi*, “a todos” (At 17. 25); *tà pánta*, “todas as coisas” (At 17. 25); *pân éthnos anthrópon*, “toda a raça de seres humanos”; *epì pantòs prosópou tês gês*, “toda a face da terra” (At 17. 26); *toîs anthrópois pántas pantakhoû*, “todas as coisas aos seres humanos em todas as partes” (At 17. 30); *pâsin*, “a todos” (At 17. 30); *pâsan tèn oikouménen*, “toda a terra habitada” (At 17. 31). Essas hipérboles tinham por objetivo revelar ao seu público a grandiosidade da Divindade que ele estava apresentando.

Tal qual em seu discurso em Listra, Paulo almejava a *epistrophé*, uma conversão de um estilo de vida religiosa considerada “errônea” para um estilo de vida religiosa “certa”, que seria incompatível com os cultos tradicionais. Assim, seu discurso é uma chamada para a aceitação de uma nova maneira de vida e um abandono da “idolatria pagã” (cf. *metánoia*, At 17. 30).

O apóstolo, por meio de hipérboles nominais (destacadas em negrito), valoriza e engrandece as ações do Deus Desconhecido, de acordo com o excerto de Atos 17 subscrito:

[24] O Deus que criou o Universo e **todas as coisas (existentes)** nele, esse, sendo Senhor do céu e da terra, habita, não em templos feitos por mãos humanas, [25] nem mesmo é servido por mãos típicas de homens, (como que) necessitando de alguma coisa. Dando ele **a todos** vida terrena e fôlego e **todas as coisas**. [26] E fez de um **toda a raça de seres humanos** para habitar sobre **toda a face da terra**; determinando tempos oportunos estabelecidos e os limites assinalados da habitação deles.

[30] Sem dúvida alguma, Deus, não levando em conta os tempos da ignorância, anuncia, agora, **todas as coisas aos seres humanos em todas as partes**, para que se arrependam, [31] visto que estabeleceu um dia no qual vai julgar **toda a terra habitada** com justiça por meio de um varão, o qual designou, após ter dado garantia **a todos**, ressuscitou-o dos mortos.

Eis as hipérboles: a locução *pánta tá*, “todas as coisas (existentes)”, é formada pelo adjetivo no neutro plural *pánta* seguido do artigo, igualmente, no neutro plural *tà*, o emprego do artigo está enfatizando o sentido do adjetivo (At 17. 24); o adjetivo *pâsi*, “a todos” (At 17. 25) e *tà pánta*, “todas as coisas” (At 17. 25).

A locução formada por um adjetivo e dois substantivos: *pân éthnos anthrópon*, “toda a raça de seres humanos”; a locução *epì pantòs prosópou tês gês* “toda a face da terra” (At 17. 26), formada por um adjetivo preposicionado seguido de um adjetivo e de um substantivo; a locução: *toîs anthrópos pántas pantakhoû*, “todas as coisas aos seres humanos em todas as partes” (At 17. 30), formada por um substantivo seguido de um adjetivo e de um advérbio de lugar; o adjetivo *pâsin*, “a todos” (At 17. 30); *tèn oikouménen*, “toda a terra habitada” (At 17. 31).

Apesar de não estar presente, no original grego, o adjetivo no acusativo, singular, *pâsan*, junto de *tèn oikouménen*, preferiu-se a tradução “toda a terra habitada”, uma vez que o substantivo *oikouméne* oferece uma ideia de amplitude, de expansão (At 17. 31).

Assim é que se destaca, nos excertos supracitados, o adjetivo triforme *pâs*, *pâsa*, *pân*, “tudo, toda(o)”, sobretudo em sua forma no masculino e no neutro, singular e plural. Na verdade, o apóstolo queria que o seu público tivesse uma ideia completa e bem mais ampla de quão grande e poderoso era o “Deus Desconhecido”.

Pode-se considerar, ainda, o adjetivo no grau comparativo *deisidaimonestérous*, “extremamente religiosos, muito religiosos” (At 17. 22) como outro exemplo também de uma hipérbole nominal.

A expressão *ho theòs ho poiéas tòn kósmon*, “O Deus que criou o Universo” (At 17. 24), é mais uma hipérbole nominal, uma vez que *ho poiéas* (verbo *poiéo*, no particípio substantivado) seguido do substantivo *tòn kósmon*, “o Universo”, dá uma ideia de universalidade, de abrangência.

A epáuxese também se encontra presente no *lógos paulino*: *dierkhómenos*, “passando”, *anatheorôn*, “observando atentamente”, *epégégrapto*, “estava escrito”, *agnooûntes*, “não conhecendo”, *katangéllo*, “anuncio” (At 17. 23), *hypárkhon*, “sendo”, *katoikeî*, “habita” (At 17. 24), *prosdeómenos*, “necessitando” (At 17. 25), *katoikeîn*, “para habitar”, *prostetagménous*, “determinando” (At 17.26), *hypárkhonta*, “esteja” (At 17. 27), *hypárkhontes*, “sendo” (At 17. 29), *hyperidón*, “não levando em conta”, *parangéllei*, “anuncia”, *metanoieîn*, “para que se arrependam” (At 17. 30), *paraskhón*, “após ter dado”, e *anastésas*, “ressuscitou” (At 17. 31).

Finalmente, nas escadarias da Fortaleza Antonia, em Jerusalém, Paulo empregou em sua prédica: a) a sua descendência e educação judaica (At 22. 3); b) a perseguição aos cristãos (At 22. 4-5); c) a primeira teofania (At 22. 6-11); d) o encontro com Ananias em Damasco (At 22. 12-16); e) a segunda teofania (At 22. 17-20).

O religioso, levando em conta a cidade de Jerusalém e o tipo de seu público, se utiliza de certos procedimentos argumentativos para se obter a persuasão mediante o *lógos*□

O discurso, nas escadarias da Foraleza Antônia, foi o discurso mais pessoal do apóstolo. Paulo fala sobre a sua vida antes de se converter ao «Caminho», a sua perseguição aos seguidores desse grupo religioso, a teofania que experimentou no caminho de Damasco, o episódio junto a Ananias, o seu ministério divino, o seu batismo, incluindo a revelação divina sobre o seu ministério aos gentios etc. Assim, Paulo almejou, de todas as formas, exaltar o seu *êthos* diante de um público judeu enfurecido.

São consideradas, igualmente, como exemplos de hipérboles nominais as expressões *pân tò presbytérion*, “todo o presbitério” (At 22. 5), *exaíphnes ... phôs*, “uma intensa luz” (At 22. 6), *perì pánton*, “a respeito de todas as coisas” (At 22. 10), e *pròs pántas anthrópous*, “para todos os seres humanos” (At 22. 15).

A epáuxese também se encontra presente no *lógos paulino* (At 22. 22): *anatethramménos*, “educado”; *hypárkon*, “dedicado” (At 22. 3); *paradidoús*, «colocando» (At 22. 4); *periastrápsai*, “iluminou ao redor” (At 22. 6); *apekríthen*, “respondi” (At 22. 8); *ouk enéblepon*, “não era capaz de ver”; *hypò tôn synóton*, “por aqueles que estavam comigo” (At 22. 11); *epístás*, “se aproximando”; *anáblepson*, “levantei os olhos”; *anéblepsa*, “torne a ver” (At 22. 13); *proekheirísato*, “de antemão, te designou” (At 22. 14); *anastás*, “Levantando(-se)”; *apólousai*, “sê lavado”; *epikalesámenos*, “invocando” (At 22. 16); *hypostrépsanti*, “após ter retornado”; *proseukhoménou*, “suplicando” (At 22. 17); *éxelthe*, “saia”; *ou paradéxontai*, “não aceitarão” (At 22. 18); *epístantai*, “tem conhecimento” (vers. 19); *exekhýnneto*, “era derramado”; *ephestós*, “estava presente”; *syneudokôn*, “concordando”; *tôn anairoúnton*, “daqueles que o matavam” (At 22. 20); e *exapostelô*, “enviarei” (At 22. 21).

Convém citar Charaudeau quando diz que a linguagem é inerente ao homem, o que o permite pensar, agir e viver em sociedade. Sem a posse da linguagem, o ser humano não saberia como entrar em contato com o outro, como estabelecer vínculos psicológicos e sociais com esse outro que é, simultaneamente, semelhante e diferente.

A linguagem, talvez, seja o primeiro poder do homem. Todavia, esse poder da linguagem é o próprio homem que constrói e que ajusta por meio de suas trocas, seus contatos no decorrer da história dos povos.

A argumentação, de acordo com o estudioso, é um setor de atividade da linguagem que sempre exerceu fascínio. Desde a retórica dos antigos, fizeram dela o próprio fundamento das relações pessoais (*a arte de persuadir*) (CHARAUDEAU, 2010, p. 7).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Adenilton Tavares de. *Retórica e Teologia nas Cartas de Paulo (Discurso, Persuasão e Subjetividade)*. Santo André (SP): Academia Cristã, 2012.
- ALAND, Kurt et alli. *O Novo Testamento Grego*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Ed. Revista par L. Séchan e Chantraine. Paris: Hachette, 2000.
- BERGER. Klaus. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. Tradução de Frederico Antonius Stein. Loyola. São Paulo: 1998.
- BÍBLIA DE ESTUDO GENEVRA (Edição Revista e Ampliada). Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA HEBRAICA. Baseada no Hebraico e à Luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Sêfer, 2012.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM (Nova Edição, Revista e Ampliada). Tradução de Euclides Martins Balancin et alli. São Paulo: Edições Paulus, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso: Modos de Organização*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2010.
- DUBOIS, J., EDELINE, F., KLINKENBERG, J.M., MINGUET, P., PIRE, F., TRINON, H. *Rhétorique Générale*. Paris: Larousse, 1970.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2003.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOLINIÉ, Georges. *Dictionnaire de Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1992.
- MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística – Manual de Análise e Criação do Estilo Literário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- OLIVEIRA, Luciene de Lima. **Os Discursos Epidícticos de Paulo de Tarso no Livro dos Atos dos Apóstolos – Tradução e Comentários**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROBERTSON, A.T. *Épocas na Vida de Paulo: Um Estudo do Desenvolvimento Na Carreira de Paulo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.
- RUDEN, Sarah. *Apóstolo Paulo*. São Paulo: Benvirá, 2013.